

# SARAH MACLEAN

A RAINHA DOS ROMANCES DE ÉPOCA

A AUTORA  
ROMÂNTICA  
PREFERIDA  
das leitoras  
portuguesas

# A Traição do Duque

TOP  
SEL  
LER

«Sarah MacLean reforça o seu lugar como mestre do romance de época com mais uma poderosa história de amor.»

*Booklist*

# Capítulo 1



## *Burghsey House* *Propriedade do Ducado de Marwick*

### *No Passado*

**N**ão havia nada no mundo inteiro como o riso dele. Pouco importava que ela não fosse qualificada para falar do mundo inteiro. Nunca se afastara muito daquela enorme mansão aninhada nos campos tranquilos de Essex, a dois dias de viagem a pé do nordeste de Londres, onde as ondulantes colinas verdes se transformavam em trigais quando o outono se arrastava pela paisagem.

Pouco importava que ela desconhecesse os sons da cidade ou o cheiro do oceano. Ou que nunca tivesse ouvido outra língua além do inglês, nunca tivesse visto uma peça de teatro ou assistido a uma orquestra.

Pouco importava que o seu mundo se limitasse a três mil acres de terra fértil, repletos de felpudos carneiros brancos e de enormes fardos de feno, e a uma comunidade de pessoas com quem não lhe era permitido falar — para quem era praticamente invisível —, porque ela era um segredo que tinha de ser guardado a todo o custo.

Uma rapariga, herdeira do Ducado de Marwick. Embrulhada em rendas opulentas, reservadas para uma longa linhagem de duques, ungida com os óleos exclusivos dos mais privilegiados residentes da Burghsey House. Uma rapariga que recebera perante Deus um nome e um título de rapaz, ainda que o homem que

não era seu pai tivesse comprado o silêncio de criados e padres, falsificado documentos e delineado planos para substituir a filha bastarda da esposa por um dos seus próprios filhos bastardos, nascidos no mesmo dia que ela — de mulheres que não eram a sua duquesa —, que lhe ofereciam um caminho único para... o roubo de um legado ducal.

Oferecendo a essa rapariga sem préstimo, o bebé choroso nos braços da ama, nada mais do que meia vida, cheia da solidão dolorosa causada por um mundo tão grande e, ao mesmo tempo, tão pequeno.

E então *ele* chegara, um ano antes. Um rapaz de 12 anos, cheio de fogo e força e mundo exterior. Alto e magro e já tão inteligente e astuto, e a coisa mais bonita que ela já vira: cabelos louros que, demasiado compridos, caíam sobre brilhantes olhos cor de âmbar, que continham um milhar de segredos, e um riso que mal se ouvia — tão raro que, quando acontecia, era como uma dádiva.

Não, não havia nada no mundo inteiro como o riso dele. Ela sabia, ainda que o vasto mundo estivesse tão fora do seu alcance que ela nem sabia onde começava.

Ele sabia.

E adorava falar-lhe acerca dele. Era o que fazia nessa tarde, num dos preciosos momentos roubados entre as maquinações e manipulações do duque — um dia roubado antes da noite em que o homem que segurava o futuro de ambos nas mãos voltasse para se regozijar com a tortura dos três filhos. Mas hoje, naquela tarde serena, com o duque ausente em Londres, o quarteto procurava a felicidade onde podia encontrá-la — nos terrenos selvagens e sinuosos que constituíam a propriedade.

O seu lugar favorito ficava na ponta mais a oeste da propriedade, suficientemente longe da mansão para poder esquecer-la antes de voltar a lembrar-se dela: um magnífico renque de árvores que se erguiam para os céus em fileira, limitado de um dos lados por um pequeno e borbulhante ribeiro. Na verdade, era mais um regato do que um ribeiro, mas proporcionara-lhe horas, dias, semanas de companhia quando era mais nova e conversar com a água era tudo o que podia esperar.

Mas ali, naquele momento, ela não estava sozinha. Estava no meio das árvores, e a luz do Sol que penetrava a folhagem inundava

o chão no qual as suas costas repousavam, no qual se deitara depois de correr pelo terreno, inspirando grandes golfadas de ar impregnado do cheiro a tomilho selvagem.

Ele sentou-se a seu lado, as ancas encostadas às dela, o seu peito subindo e descendo com a respiração pesada, e fitou-a, estendendo as pernas, cada vez mais longas, para além da cabeça dela.

— Porque é que vens sempre aqui?

— Gosto deste sítio — disse ela simplesmente, virando a cara para a luz do Sol, o bater do seu coração acalmado ao observar, através do dossel de folhagem, o céu que brincava às escondidas lá em cima. — E tu também gostarias, se não fosses sempre tão sério.

O ar daquele lugar tranquilo alterou-se, adensado pela verdade — que eles não eram crianças normais, com 13 anos e sem cuidados. O cuidado era o que lhes permitia sobreviver. A seriedade era o que lhes permitia sobreviver.

Ela não queria isso, não naquele momento. Não enquanto as últimas borboletas do verão bailavam nos raios de luz acima deles, enchendo todo o espaço da magia que mantinha as coisas más ao largo. Por isso mudou de assunto.

— Fala-me dele.

Ele não lhe pediu que fosse mais clara. Não precisava.

— Outra vez?

— Outra vez.

Ele rodou o corpo e ela ajeitou as saias para que ele se pudesse deitar ao seu lado, como fizera dezenas de vezes antes. Centenas de vezes. Quando se instalou de costas, com as mãos debaixo da cabeça, falou para o dossel de folhagem.

— Lá nunca há silêncio.

— Por causa das carruagens no empedrado.

Ele assentiu.

— As rodas de madeira fazem muito barulho, mas é mais do que isso. São os gritos que vêm das tabernas e dos vendedores no largo do mercado. Os cães a ladrar nos armazéns. As brigas nas ruas. Eu ia para o telhado da casa onde vivia e apostava nas brigas.

— É por isso que és tão bom em lutas.

Ele encolheu ligeiramente um ombro.

— Sempre achei que era a melhor maneira de ajudar a minha mãe. Até que...

Interrompeu-se. Até que ela adoecera e o duque acenara com um título e uma fortuna diante de um filho disposto a tudo para a ajudar. Ela virou-se para ver o seu rosto tenso, olhando resolutamente para o céu com o queixo empinado.

— Fala-me das imprecações — incentivou.

Ele soltou um risinho de surpresa.

— Um chorrilho de palavrões. Tu gostas dessa parte.

— Nem sabia que havia palavrões antes de vocês os três chegarem. — Rapazes que tinham chegado à vida dela como um tumulto, duros, de línguas porcas e maravilhosos.

— Antes do Devil, queres tu dizer.

Devil, de seu nome verdadeiro Devon — um dos seus meios-irmãos — fora criado num orfanato, como o seu linguajar bem provava.

— Ele revelou-se muito útil.

— Sim. As imprecações. Especialmente nas docas. Ninguém pragueja como um marinheiro.

— Diz-me a melhor que ouviste.

Ele olhou-a com malícia.

— Não.

Ela pediria a Devil, mais tarde.

— Fala-me da chuva.

— É Londres. Está sempre a chover.

Ela deu-lhe uma pancadinha com o ombro.

— Conta-me a parte boa.

Ele sorriu e ela correspondeu, adorando a forma como ele lhe fazia as vontades.

— A chuva faz com que as pedras das ruas fiquem escorregadias e brilhantes.

— E à noite torna-as douradas, por causa das luzes das tabernas — completou ela.

— Não só das tabernas. Também dos teatros em Drury Lane. Dos candeeiros suspensos às portas dos bordéis. — Fora nos bordéis que a sua mãe acabara depois de o duque se recusar a mantê-la, quando ela escolhera ter o seu filho. E o seu filho aí nascera.

— Para afugentar a escuridão — disse ela docemente.

— A escuridão não é assim tão má — retorquiu ele. — Mas, no escuro, a única hipótese das pessoas é lutarem por aquilo de que precisam.

— E obtêm-no? Aquilo de que precisam?

— Não. Não obtêm aquilo de que precisam nem aquilo que merecem. — Ele fez uma pausa; depois sussurrou para o dossel de folhagem, como se fosse realmente mágico. — Mas nós vamos mudar isso.

Ela não deixou escapar o «nós». Não era só ele. Eram todos. Um quarteto que fizera um pacto na altura em que os rapazes tinham sido levados para ali e envolvidos naquela competição insana — quem a vencesse, manteria todos em segurança. E depois fugiriam daquele lugar que os aprisionara numa batalha de espírito e armas, destinada a dar ao pai o que ele pretendia: um herdeiro digno de um ducado.

— Quando tu fores duque — disse ela baixinho.

Ele virou-se para a encarar.

— Quando um de nós for duque.

Ela abanou a cabeça, encontrando o seu cintilante olhar de âmbar, tão igual ao dos irmãos. Tão igual ao do pai.

— Tu vais vencer.

Ele fitou-a por um longo momento antes de dizer:

— Como sabes?

— Sei, apenas.

As maquinações do velho duque eram cada vez mais desafiantes. Devil era como o seu nome: demasiado fogo e fúria. E Whit... era demasiado pequeno. Demasiado gentil.

— E se eu não o quiser?

Uma ideia absurda.

— Claro que queres.

— Devia ser teu.

Ela não conseguiu evitar um risinho selvagem.

— As raparigas não se tornam duques.

— E, contudo, aqui estás tu, uma herdeira.

Mas, na verdade, não o era. Ela era o produto do caso extraconjugal da sua mãe, um jogo destinado a entregar um herdeiro ao seu monstruoso marido, manchando para sempre a sua preciosa linhagem marital — a única coisa que lhe importou em toda a vida.

Mas, em vez de um rapaz, a duquesa concebera uma rapariga, por isso ela não era herdeira. Apenas guardava o lugar para alguém. Um marcador de página num exemplar antigo de *Burke's Peerage*. E todos eles o sabiam.

Ela ignorou as suas palavras e disse:

— Não importa.

E não importava. Ewan venceria. Tornar-se-ia duque. E isso mudaria tudo.

Ele observou-a por um longo momento.

— Quando eu for duque, então. — As palavras eram um murmúrio, como se temesse que, ao pronunciá-las, os amaldiçoasse a todos. — Quando eu for duque, manter-nos-ei a todos em segurança. Nós e todo o Garden. Tomarei o seu dinheiro. O seu poder. O seu nome. E partirei, sem nunca olhar para trás. — As palavras rodopiaram em torno deles, ecoando das árvores por um longo momento antes de ele se corrigir. — O seu nome, não — murmurou. — O teu.

Robert Matthew Carrick, Conde de Sumner, herdeiro do Ducado de Marwick.

Ela ignorou o laivo de emoção que a percorreu e aligeirou o tom.

— Podes bem ficar com o nome. Está novinho em folha. Nunca o usei. — Apesar de ter sido batizada como herdeira, ela não tinha acesso ao nome.

Ao longo dos anos, quando lhe chamavam alguma coisa, era «rapariga», «a rapariga», ou «minha jovem». Uma vez, tinha ela 8 anos, por um período muito fugaz, uma criada chamara-lhe «amor» e ela gostara muito. Mas a criada fora-se embora alguns meses depois, e a rapariga voltara a ser ninguém.

Até *eles* chegarem — um trio de rapazes que a viram. Porém, Ewan parecia não só vê-la como também compreendê-la. E eles chamaram-lhe uma centena de coisas: «Corredora», pela forma como se lançava velozmente através dos campos; e «Vermelha», pelas labaredas no seu cabelo; e «Tumulto», pela forma como odiava o pai deles. E ela acudia por todos esses nomes, sabendo que nenhum era o seu, mas importando-se menos desde a chegada deles. Porque talvez eles fossem suficientes.

Porque, para eles, ela não era «ninguém».

— Lamento — disse ele, e falava a sério.

Para ele, ela era alguém.

Ficaram assim por um momento muito breve, os olhares presos, a verdade como um manto a envolvê-los, até que ele clareou a garganta e desviou o olhar, quebrando a ligação e rolando para ficar deitado de costas; devolveu a atenção às árvores por cima deles e disse:

— A minha mãe costumava dizer que amava a chuva porque eram os únicos momentos em que via joias em Covent Garden.

— Promete que me levas quando partires — sussurrou ela no silêncio.

Ele cerrou os lábios numa linha firme, a sua promessa escrita nas rugas do rosto, mais envelhecido do que devia. Mais jovem do que teria de se tornar. Assentiu uma vez. Firme. Determinado.

— E garantirei que tenhas joias.

Ela deitou-se também de costas, as saias espalhadas na relva.

— Trata disso — brincou. — E quero fio de ouro para todos os meus vestidos.

— Vou proporcionar-te novos dele.

— Sim, por favor — disse ela. — E uma criada com habilidade especial para cabelos.

— Para uma rapariga do campo, és muito exigente — brincou ele.

Ela virou-se para ele com um sorriso.

— Tive uma vida inteira para preparar as minhas exigências.

— Achas que estás preparada para Londres, campónia?

O seu sorriso desvaneceu-se numa carranca fingida.

— Acho que me sairei muito bem, menino da cidade.

Ele riu-se, e aquele som raro encheu o espaço em volta deles, aquecendo-a. E, nesse momento, algo aconteceu. Algo estranho, inquietante, maravilhoso e enigmático. Aquele som, sem igual no mundo, abriu algo nela.

De repente, ela conseguiu senti-lo. Não apenas o seu calor, ali deitado ao seu lado, tocando-a do ombro à anca. Não apenas o ponto onde o ombro dele repousava ao lado da sua orelha. Não apenas a sensação do toque dele nos seus caracóis, quando arrancou daí uma folha. *Todo* ele. A subida e descida regular da sua respiração. A sua tranquilidade segura. E aquele riso... *o riso dele*.

— Aconteça o que acontecer, promete que não te esqueces de mim — disse ela baixinho.

— Não serei capaz. Estaremos juntos.

Ela abanou a cabeça.

— As pessoas partem.

Ele franziu a testa e ela ouviu a determinação nas suas palavras.

— Eu não. Não o farei.

Ela assentiu com a cabeça. Mas acrescentou:

— Por vezes, não se escolhe. Por vezes, as pessoas apenas...

O olhar dele adoçou com a compreensão; ele percebeu a referência à mãe dela nas suas palavras. Virou-se para ela e ficaram de frente um para o outro, com as faces apoiadas nos braços dobrados, bastante perto para trocarem segredos.

— Ela teria ficado se pudesse — disse ele com firmeza.

— Não sabes isso — sussurrou ela, odiando a ferroadada das palavras. — Eu nasci e ela morreu e deixou-me com um homem que não era meu pai, que me deu um nome que não é meu, e nunca saberei o que teria acontecido se ela tivesse vivido. Nunca saberei se... — Ele aguardou. Sempre paciente, como se pudesse esperar por ela uma vida inteira. — Nunca saberei se ela me teria amado.

— Ter-te-ia amado. — A resposta foi imediata.

Ela abanou a cabeça, fechando os olhos. Querendo acreditar nele.

— Ela nem sequer me deu um nome.

— Teria dado. Ter-te-ia dado um nome e teria sido lindo.

A certeza das palavras dele fizeram-na fitá-lo; o olhar dele era firme e obstinado.

— Não teria sido Robert, então?

Ele não sorriu. Não se riu.

— Ela ter-te-ia dado um nome por aquilo que eras. Por aquilo que merecias. Ter-te-ia dado o título.

Ela compreendeu.

E, então, ele sussurrou.

— Como eu farei.

Tudo parou. O restolhar da folhagem por cima deles, os gritos dos irmãos no ribeiro lá adiante, o lento rastejar da tarde; e ela soube, naquele momento, que ele estava prestes a conceder-lhe uma dádiva que nunca teria imaginado receber.

Sorriu-lhe, o coração batendo com muita força no peito.

— Diz-me.

Ela queria a palavra nos lábios e na voz dele, nos seus ouvidos. Queria a palavra vinda dele, sabendo que isso tornaria impossível esquecê-lo, para sempre, mesmo depois de ele a deixar para trás.

Ele concedeu-lha.

— Grace.

## Capítulo 2



*Londres,  
Outono de 1837*

— **A** Dahlia!  
Aplausos ruidosos responderam ao brinde, a multidão de pessoas no salão central do n.º 72 da Shelton Street — um clube sofisticado e o segredo mais bem guardado das mulheres mais elegantes, sábias e escandalosas de Londres — virando-se ao mesmo tempo para brindar à sua proprietária.

A mulher conhecida como Dahlia deteve-se ao fundo da escadaria central, observando o enorme espaço, que, apesar de ser cedo, já estava repleto de membros do clube e de convidados. Concedeu à assembleia um sorriso aberto e animado.

— Bebam, meus amores. Têm à vossa frente uma noite memorável!

— Ou para esquecer — foi a sonora resposta que veio de um extremo do salão.

Dahlia reconheceu imediatamente a voz de uma das mais alegres viúvas de Londres — uma marquesa que tinha investido no n.º 72 da Shelton Street desde os primeiros tempos e o amava mais do que à sua própria casa. Aqui, uma marquesa jovial desfrutava de muito mais privacidade do que a permitida em Grosvenor Square. Os seus amantes desfrutavam de igual privacidade.

A multidão mascarada riu-se em uníssono, e Dahlia libertou-se da atenção coletiva exatamente quando a sua assistente, Zeva, surgiu ao seu lado. A beleza alta, elegante e de olhos negros

acompanhava-a desde os primeiros dias do clube e geria as entradas e saídas dos membros, assegurando que lhes fosse proporcionado tudo o que desejassem.

— Já está muita gente — disse Zeva.

Dahlia viu as horas no relógio que lhe pendia da cintura.

— E muita mais virá em breve.

Ainda era cedo, mal passava das 23 horas; muitas londrinas só agora podiam furtar-se aos seus jantares e bailes enfadonhos, desculpando-se com enxaquecas e constituições delicadas. Dahlia sorriu ao pensar nisso, conhecendo a forma como os membros do clube usavam as demonstrações de fraqueza do belo sexo para fazerem o que queriam sem que a sociedade o notasse.

Elas reclamavam essas fraquezas e jogavam com elas, ao mesmo tempo que convocavam os cocheiros para as portas dos fundos das suas casas, trocavam as indumentárias respeitáveis por algo mais excitante, e as máscaras que usavam nos seus mundos por outras, ostentando também nomes diferentes, desejos diferentes — tudo o que quisessem, fora de Mayfair.

Em breve chegariam, deixando o n.º 72 da Shelton Street a rebenatar pelas costuras, para desfrutarem do que o clube lhes proporcionava em qualquer noite do ano — companheirismo, prazer e poder — e, especialmente, na terceira quinta-feira de cada mês, em que mulheres de toda a cidade de Londres e do resto do mundo eram incitadas a explorar os seus desejos mais profundos.

O evento que agora decorria — conhecido apenas como *Dominion* — era em parte baile de máscaras, em parte regabofê, em parte casino, e totalmente confidencial. Concebido para oferecer aos membros do clube e às suas companhias de confiança uma noite inteiramente dedicada ao prazer... fosse este qual fosse.

O *Dominion* tinha um único propósito: a escolha das senhoras.

Nada agradava mais a Dahlia do que permitir às mulheres acesso ao seu prazer. O belo sexo não era, nem por sombras, tratado com justiça, e o seu clube tinha o propósito de alterar isso.

Desde que chegara a Londres, 20 anos antes, ganhara dinheiro de diversas formas. Lavara louça em *pubs* manhosos e teatros húmidos. Picara carne em lojas de empadas e transformara metal em colheres, nunca por mais de um ou dois *pence*. Não tardou a descobrir que o trabalho diurno não compensava. O que para ela era

uma vantagem, pois não fora feita para o trabalho diurno. Depois de os penicos nos quartos e as empadas de carne lhe darem a volta ao estômago e o trabalho com metal lhe deixar as palmas das mãos desfeitas, arranjara trabalho como vendedeira de flores, correndo com um cesto cheio de flores que murchavam rapidamente, para o despachar antes de anoitecer. Fizera-o dois dias, antes de um vendedor do mercado de Covent Garden perceber que ela tinha bom olho para os clientes e lhe oferecer trabalho como vendedeira de fruta.

Aí ficara menos de uma semana, até ele lhe bater por ter deixado, sem querer, cair uma brilhante maçã vermelha na serradura. Quando ela se levantou, foi a sua vez de atirar o homem à serradura, e depois correu para fora do mercado com três maçãs, que valiam mais do que o seu salário de uma semana, escondidas nas saias.

Esse acontecimento, porém, fora surpreendente o suficiente para atrair a atenção de um dos maiores homens das lutas de Covent Garden. Digger Knight procurava constantemente raparigas altas, com caras bonitas e punhos poderosos. «Brutamontes são uma coisa», costumava ele dizer, «mas as *belles* conquistam a multidão». Dahlia provou ser ambas as coisas.

Tinha sido bem ensinada.

As lutas não eram um trabalho diurno. Eram trabalho da noite, e pago em conformidade.

O trabalho era bem pago, e mais apropriado para uma rapariga de nenhures, cheia de traições e de raiva. Ela não se incomodava com a dor dos golpes, e cedo se acostumou ao enjoo das manhãs depois de um combate... E, assim que aprendeu a prever os golpes e a evitar os que provocariam verdadeiros danos, nunca mais olhou para trás.

Virando as costas às flores e às frutas, Dahlia passou a vender os punhos, em lutas justas e em lutas sujas. E, quando percebeu que espécie de dinheiro as últimas lhe podiam render, vendeu o cabelo a um fabricante de perucas de Mayfair que comprava em todo o bairro. Os cabelos compridos eram uma fraqueza... e prejudicavam o negócio de uma lutadora de mãos nuas.

A menina de cabelo curto, pernas longas e com quase 15 anos tornou-se uma lenda nos recantos mais sombrios de Covent Garden.

A rapariga com uma figura magra e musculosa e um punho forte como um carvalho, que nenhum homem desejava encontrar numa rua escura, especialmente quando flanqueada pelos dois rapazes que tinham chegado com ela, lutava com uma raiva juvenil e feérica que destruíra quem quer que a enfrentasse.

Juntos fizeram rapidamente dinheiro com os punhos, construindo um império, Dahlia e esses rapazes que logo se tornaram homens — os seus irmãos de coração e alma, ainda que não de sangue: os Bastardos Bareknuckle. E o trio vendeu os punhos até já não precisar de o fazer... até que, finalmente, se tornaram invencíveis. Inquebráveis.

Reis.

E só então a rainha Dahlia construiu o seu castelo e reclamou o seu lugar, que já não era no negócio das flores ou das maçãs ou do cabelo ou dos punhos.

E aos seus súbditos ofereceu uma única coisa magnífica: escolha. Não o género de escolha que lhe fora concedida a ela — o menor de muitos males —, mas o género de escolha que permitia às mulheres ter acesso aos seus sonhos. Fantasias e prazer tornados realidade.

Aquilo que as mulheres desejavam, Dahlia providenciava.

E o *Dominion* era a sua celebração.

— Vejo que te vestiste para a ocasião — disse Zeva.

— Vesti? — replicou Dahlia com uma sobranceira erguida.

O corpete escarlate que usava por cima de calças pretas, perfeitamente ajustadas, colava-se às suas curvas luxuriantes sob um casaco elaboradamente bordado a preto e dourado, forrado com rica seda preta. Raramente usava saias, pois achava a liberdade das calças mais útil para trabalhar, para não mencionar que lhe recordava o seu papel de proprietária de um dos segredos mais bem guardados de Londres e de rainha de Covent Garden.

Zeva fitou-a.

— A modéstia não te fica bem. Sei onde estiveste nos últimos quatro dias. E não os passaste a usar seda e veludo.

Um ruidoso aplauso veio da roleta mais próxima, poupando Dahlia a uma resposta. Ela virou-se para observar a multidão, analisando o sorriso amplo e deleitado de uma mulher de máscara, anónima para todos menos para a proprietária do clube, que

puxava Tomas, o seu acompanhante nessa noite, para um beijo de vitória. Tomas correspondeu de boa vontade, e o abraço terminou com assobios e vivas.

Ninguém acreditaria que, em Mayfair, ela era uma senhora recatada, introvertida e incapaz de se dirigir a um homem. As máscaras proporcionavam um poder infinito.

— A senhora está a aquecer? — perguntou Dahlia.

— Terceira vitória seguida. — Claro que Zeva estava atenta. — E o Tomas não é propriamente uma influência refrescante.

Dahlia concedeu-lhe um meio sorriso.

— Não te escapa nada.

— Pagas-me muito bem para que assim seja. Sei tudo — respondeu a outra mulher. — Incluindo o teu paradeiro.

Dahlia olhou para a sua assistente e amiga, e disse baixinho:

— Esta noite, não.

Zeva tinha mais para dizer, mas calou-se. Apontou com a mão para o extremo oposto do salão, onde um grupo de mulheres mascaradas se embrenhava numa discussão privada.

— O decreto amanhã não vai passar.

As mulheres eram casadas com aristocratas, a maioria muito mais inteligente do que os maridos e todas tão ou mais qualificadas do que eles para se sentarem na Câmara dos Lordes. A falta de toga adequada, contudo, não as impedia de legislar, e quando o faziam era ali, em aposentos privados, sem Mayfair dar por elas.

Dahlia lançou um olhar satisfeito a Zeva. O decreto pretendia ilegalizar a prostituição e outras formas de trabalho sexual na Grã-Bretanha. Dahlia passara três semanas a convencer as mulheres em questão de que elas — e os seus maridos — deviam empenhar-se em que não fosse aprovado.

— Ótimo. É mau para as mulheres, sobretudo as pobres.

Era mau para Covent Garden, e ela não o aceitaria.

— Tal como o resto do mundo — retorquiu Zeva, com secura. — Queres apresentar um decreto acerca disso?

— Dá tempo ao tempo — disse Dahlia enquanto atravessavam o salão até um longo corredor onde vários casais usufruíam da escuridão. — Nada se move mais devagar do que o Parlamento.

Atrás dela, Zeva deu uma pequena gargalhada.

— Ambas sabemos que não há nada que mais adores do que manipular o Parlamento. Deviam dar-te um assento.

O corredor abria para um espaço amplo e convidativo, pejado de foliões, com uma pequena banda de músicos de um dos lados a tocar uma melodia animada para a audiência reunida, muitos dos quais dançavam com abandono — sem passos rebuscados, sem distância prudente entre casais, sem olhos atentos a escândalos — ou, se observavam, era por divertimento e sem censura.

As duas atravessaram a multidão, seguindo por um extremo da sala, e passaram por um homem musculoso que lhes piscou o olho enquanto a mulher nos seus braços lhe acariciava o peito forte, que parecia prestes a rebentar as costuras do casaco. Oscar era outro empregado, e o seu trabalho era proporcionar prazer à dama.

Estavam presentes alguns homens que não eram empregados, tendo sido todos adequadamente escrutinados e analisados pela extensa rede de Dahlia — constituída por mulheres de negócios, aristocratas, esposas de políticos e uma dúzia de outras que detinham o mais complexo de todos os poderes: informação.

A orquestra fez uma pausa quando a cantora avançou para o centro do palco, uma jovem negra cuja voz se erguia celes­tialmente, tão forte que ecoava na sala, obrigando os dançarinos a uma paragem sem fôlego enquanto ela trinava uma ária animada que deitaria abaixo com aplausos qualquer teatro em Drury Lane.

Um conjunto de gritinhos de assombro soou na sala.

— Dahlia.

Dahlia virou-se e viu uma mulher vestida de verde-vivo, com uma elaborada máscara a combinar. Nastasia Kritikos era uma lendária cantora de ópera grega, que fizera, ela própria, vir abaixo com aplausos muitas casas por toda a Europa. Com um abraço caloroso, apontou para o palco.

— Onde encontraste esta rapariga?

— A Eve? — Um sorriso bailou nos lábios de Dahlia. — No mercado, a cantar em troca do jantar.

Uma sobranceira negra ergueu-se, mostrando divertimento.

— Não é isso que ela está a fazer esta noite?

— Esta noite, ela canta para ti, velha amiga.

Era verdade. A jovem cantava para ter acesso ao *Dominion*, onde várias outras cantoras talentosas tinham sido catapultadas para o sucesso.

Nastasia lançou um olhar conhecedor ao palco, onde Eve cantava uma impossível sequência de notas.

— Era a tua especialidade, não era? — perguntou Dahlia.

A outra mulher fitou-a.

— É a minha especialidade. Não diria que ela é *perfeita*.

Dahlia dirigiu-lhe um sorrisinho cúmplice. Era perfeita, e ambas o sabiam.

Com um enorme sorriso, a diva acenou com uma mão.

— Diz-lhe para me visitar amanhã. Eu apresento-a a algumas pessoas.

A rapariga estaria a pisar os palcos muito em breve.

— És um coração de manteiga, Nastasia.

Os seus olhos castanhos faiscaram por detrás da máscara verde.

— Se disseres a alguém, mando deitar fogo a este sítio.

— O teu segredo está seguro comigo. — Dahlia sorriu. — O Peter tem perguntado por ti. — Era verdade. Além de ser uma celebridade em Londres, Nastasia era também um prémio ambicionado entre os homens do clube.

A mulher mais velha envaideceu-se.

— Não me admira. Acho que lhe posso dispensar umas horas.

Dahlia sorriu e apontou para Zeva.

— Nesse caso, vamos procurá-lo.

Com o assunto resolvido, ela avançou através da multidão que se juntara para ouvir a futura famosa cantora até uma pequena antecâmara, onde os jogos de cartas se tornavam aguerridos. Sentiu a excitação no ar e regozijou-se com ela — e com o poder que daí advinha. As mulheres mais poderosas de Londres ali reunidas, em busca do seu próprio prazer.

E tudo por causa dela.

— Temos de arranjar uma cantora nova — resmungou Zeva enquanto abriam caminho por entre os jogadores.

— A Eve não iria querer ser o entretenimento da cave nos nossos bacanais para sempre.

— Podíamos mantê-las por um pouco mais de um mês.

— Ela é demasiado talentosa para nós.

— *Tu* é que tens um coração de manteiga — retorquiu Zeva.

— ... a explosão...

Dahlia abrandou quando ouviu esta parte de uma conversa próxima, o seu olhar encontrando o da criada que entregava um tabuleiro com champanhe ao grupo. Um quase indetetável aceno indicou que a outra mulher também estava a ouvir. Era paga, e bem, para isso.

Mesmo assim, Dahlia permaneceu ali.

— Duas, pelo que ouvi dizer — foi a resposta, impregnada de um deleite escandalizado. Dahlia conteve a vontade de lhes fazer má cara. — Ouvi dizer que dizimaram as docas.

— Sim, e imagina, apenas dois mortos.

— Um milagre. — As palavras eram sussurradas, como se a mulher acreditasse mesmo nisso. — Houve feridos?

— No *News* falava-se em cinco.

*Seis*, pensou ela, cerrando os dentes, o coração começando a bater com força.

— Estás a olhá-las fixamente — advertiu-a Zeva baixinho, as palavras afastando Dahlia da conversa.

Que mais havia para saber? Ela chegara lá poucos minutos depois da explosão.

Deslizou o olhar por Zeva e pela multidão, até se deter numa pequena porta, quase invisível, do outro lado da sala — com os contornos disfarçados no revestimento cor de safira e salpicado de prata da parede. Até os membros que já tinham visto o pessoal a usá-la esqueciam a insignificante porta ainda antes de esta ser fechada, pensando que o que estivesse por trás dela só podia ser menos interessante do que o que estava à sua frente.

Mas Zeva sabia a verdade. Aquela porta dava acesso a uma escadaria traseira que subia para quartos privados e descia para os túneis por baixo do clube. Era uma de meia dúzia, instaladas por todo o n.º 72 da Shelton Street, mas a única que conduzia a um corredor privado no quarto andar, escondido atrás de uma parede falsa, que apenas três membros do pessoal conheciam.

Dahlia ignorou o desejo urgente de desaparecer atrás dela.

— É importante percebermos o que a cidade pensa sobre aquela explosão.

— Pensam que os Bastardos Bareknuckle perderam dois estiva-  
dores, um porão carregado e um navio — retorquiui Zeva. — E que  
a mulher do teu irmão quase foi morta. — Uma pausa. E depois  
um cortante: — E têm razão. — Dahlia ignorou as palavras. Zeva  
sabia quando a batalha não era para ser vencida. — O que é que  
lhes digo?

Dahlia fitou-a.

— A quem?

A outra mulher empinou o queixo na direção do labirinto de  
salas que tinham atravessado.

— Aos teus irmãos. Queres que lhes diga o quê?

Dahlia praguejou baixinho e olhou para a multidão na som-  
bra, comprimida. Junto da entrada da sala, uma condessa conhe-  
cida acabava de contar uma anedota impudica a um grupo de  
admiradores.

— ... as cenouras vão para o jardim das *traseiras*, querida!

Ecoaram gargalhadas deleitadas. Dahlia virou-se de novo para  
Zeva.

— Caramba, eles não estão aqui, pois não?

— Não, mas não podemos mantê-los lá fora para sempre.

— Podemos tentar.

— Eles têm razão...

Dahlia interrompeu Zeva com um olhar intenso e uma res-  
posta mais intensa ainda.

— Eu encarrego-me deles.

Zeva ergueu o queixo para a porta escondida e as escadas atrás  
dela.

— E aquilo?

Uma onda quente percorreu Dahlia — algo que podia ter sido  
um rubor, se ela fosse o género de mulher que corava. Ignorou-a,  
assim como ao bater do seu coração.

— Eu encarrego-me disso também.

Uma única sobrancelha negra ergueu-se sobre os olhos pretos  
de Zeva, indicando que ela tinha muito mais para dizer. Porém,  
limitou-se a acenar.

— Nesse caso, vou trabalhar.

Virou-se e atravessou novamente a multidão, deixando Dahlia  
sozinha.

Sozinha para pressionar o painel escondido na porta, ativar a tranca e fechá-la, deixando para trás a cacofonia da sala.

Sozinha para subir as escadas estreitas, com um ritmo estável — um ritmo que contradizia o ritmo cada vez mais acelerado do seu coração ao ultrapassar o segundo andar. O terceiro.

Sozinha para contar as portas do corredor do quarto andar.

*Uma. Duas. Três.*

Sozinha para abrir a quarta porta à esquerda e fechá-la atrás de si, embrenhando-se na escuridão, tão espessa que eclipsava a festa louca lá em baixo, o mundo reduzindo-se apenas àquele quarto, à sua única janela que dava para os telhados de Covent Garden e ao seu escasso mobiliário: uma pequena mesa, uma cadeira dura, uma cama de solteiro.

Sozinha naquele quarto.

Sozinha com o homem inconsciente na cama.

## Capítulo 3



**E**le fora salvo por anjos.

A explosão lançara-o pelos ares, deixando-o prostrado nas sombras das docas. Virara-se durante o voo, mas a aterragem deslocara-lhe o ombro, inutilizando-lhe o braço esquerdo. Dizia-se que esse deslocamento era uma das piores dores que um corpo podia experimentar, e o Duque de Marwick sofrera-o duas vezes. Duas vezes se pusera hesitantemente de pé, com a mente disparada. Duas vezes lutara para suportar a dor. Duas vezes procurara um lugar para se esconder do seu inimigo.

Duas vezes fora salvo por anjos.

Da primeira vez, ela tinha um rosto jovem e bondoso, com um torvelinho de caracóis ruivos, um milhar de sardas no nariz e nas bochechas e os maiores olhos castanhos que ele já vira. Tinha-o encontrado no armário onde se escondera, pusera-lhe um dedo sobre os lábios e segurara-lhe o braço bom enquanto outra mão — maior e mais forte — corrigia a articulação. Ele desmaiara com a dor, e, ao acordar, ela estava ali, como a luz do Sol, com um toque suave e uma voz doce.

E ele apaixonara-se por ela.

Desta vez, os anjos que o salvaram não eram doces e não cantavam. Foram buscá-lo com força e poder, capuzes nas cabeças a ocultar-lhes os rostos, casacos enfunados atrás, como asas, botas a estalar nas pedras da rua. Vieram armados como soldados celestiais, lâminas nos flancos transformando-se em espadas

flamejantes sob a luz do navio que ardia nas docas — destruído por sua ordem, assim como a mulher que o irmão amava.

Desta vez os anjos eram guerreiros que vinham para punir, não para salvar.

Mesmo assim, era um resgate.

Ele pôs-se de pé quando se aproximaram, preparado para os enfrentar, para aceitar o castigo que lhe infligissem. Estremeceu com uma dor na perna que não sentira antes, onde um estilhaço do mastro do cargueiro destruído se lhe alojara na coxa, inundando-lhe a perna das calças de sangue, impossibilitando-o de lutar.

Quando eles estavam suficientemente perto para atacar, perdeu a consciência.

E foi então que vieram os pesadelos, não daqueles com monstros e brutalidade, cheios de dentes afiados e terror pungente. Pior do que tudo isso.

Os sonhos de Ewan estavam cheios *dela*.

Durante dias, sonhou com o seu toque fresco na testa. Com o braço dela a levantar-lhe a cabeça para beber um líquido amargo da chávena encostada aos seus lábios. Com os dedos dela, percorrendo-lhe as dores nos músculos, aliviando a dor pungente na perna. Com o cheiro dela, como luz do sol e segredos; como o sorriso daquele primeiro anjo, tantos anos antes.

Quase acordara uma dezena de vezes, uma centena. E também isso transformara o sonho em pesadelo — o medo de que o pano fresco na sua testa não estivesse realmente ali; o terror de poder perder o cuidado gentil com a ferida na sua perna quando o penso era mudado; o receio de que o sabor do caldo amargo que ela lhe servia fosse uma fantasia, de que o espalhar lento do bálsamo sobre as suas feridas fosse apenas febre.

E sonhava sempre que o toque permanecia muito depois de o bálsamo desaparecer, macio e lento, fazendo desenhos no seu peito, massajando-lhe o tronco, explorando as suas elevações.

Sonhava sempre com os dedos dela no seu rosto, alisando-lhe a testa e traçando-lhe os ossos das maçãs do rosto e do queixo.

Sonhava sempre com os lábios dela na sua testa. Na face. No canto da boca.

Sonhava sempre com a sua mão na dele, os dedos entrelaçados, a palma quente encostada à sua.

E sonhá-lo transformava-o num pesadelo — o reconhecimento doloroso de que era a sua imaginação. Não era ela. Ela não era real. Ele não podia devolver-lhe o toque. O beijo.

Então ele ficava ali, esforçando-se por sonhar, por viver o pesadelo uma e outra vez, na esperança de que a sua mente lhe desse o que faltava dela — a sua voz.

Esta nunca veio. O toque chegava sem palavras, o cuidado sem voz. E o silêncio doía mais do que a ferida.

Até essa noite, quando o anjo falou, e a sua voz veio como uma arma malévola, um longo suspiro, e depois suave e rica, como whisky quente.

— Ewan.

*Como o lar.*

Ele estava acordado.

Abriu os olhos. Ainda era de noite — noite outra vez? Noite para sempre? Estava num quarto escuro, e o seu primeiro pensamento foi o mesmo que tivera ao acordar ao longo de 20 anos. *Grace.*

A rapariga que amava.

A que perdera.

A que passara metade da vida a procurar.

Uma litania que nunca sararia. Uma bênção que nunca o salvaria, porque não conseguia encontrá-la.

Mas ali, no escuro, o pensamento foi mais intenso do que habitualmente. Mais urgente. Chegou como a memória — com o fantasma de um toque no seu braço. Na testa. No cabelo. Veio com o som da voz dela no seu ouvido — *Ewan.*

*Grace.*

Um som, quase inaudível. *Pano?*

A esperança ateou-se, dura e desagradável. Ele semicerrou os olhos para as trevas. Preto sobre preto. Silêncio, agora. Vazio.

*Fantasia.*

Não era ela. Não podia ser.

Passou a mão pela cara. O movimento causou-lhe uma dor surda no ombro — uma dor que o fez recuar alguns anos. O seu ombro fora deslocado e novamente posto no lugar. Tentou levantar-se, a coxa a latejar — a coxa que tinha o penso, já a sarar. Cerrou os dentes perante a dor, que, apesar de tudo, agradecia, pois distraía-o da outra dor, muito mais familiar. A dor que vinha da perda.

A sua mente clareava rapidamente e ele reconheceu a névoa que se dissipava como um efeito do láudano. Quanto tempo estivera drogado?

Onde estava ele?

*Onde estava ela?*

Morta. Tinham-lhe dito que ela estava morta.

Ignorou a angústia que esse pensamento lhe causava sempre, estendeu a mão para a mesa baixa perto da cama, procurando às apalpadelas uma vela ou uma pederneira, e derrubou um copo, o líquido vertendo para o chão a recordá-lo de que conseguia ouvir.

E então percebeu que conseguia ouvir o que não conseguia ver.

Uma cacofonia de sons abafados, gritos e risos muito próximos — do outro lado do quarto? — e um rumor mais distante — fora do edifício? Dentro, mas distante? O rumor de uma multidão — algo que nunca ouvia nos sítios onde habitualmente acordava. Algo de que mal se recordava. Mas a memória voltou com o som, de uma distância similar — de muito longe, de outra vida.

E, pela primeira vez em 20 anos, o homem conhecido no mundo inteiro como Robert Matthew Carrick, 12.º Duque de Marwick, teve medo. Porque o que ele ouvia não era o mundo em que fora criado.

Era o mundo em que nascera.

Ewan, filho de uma cortesã cara, caída em desgraça com um filho na barriga e transformada numa das mais finas prostitutas de Covent Garden.

Levantou-se e atravessou a sala, apalpando a parede até encontrar uma porta. Um puxador.

Trancada.

Os anjos tinham-no resgatado e levado para um quarto trancado em Covent Garden.

Ele não precisava de atravessar o quarto para saber o que encontraria lá fora, os telhados de ardósia e as chaminés tortas. Um rapaz nascido em Covent Garden não se esquecia dos seus sons, por muito que tentasse. Mesmo assim, cambaleou até à janela, afastando o cortinado. Chovia e as nuvens ocultavam a luz da Lua, recusando-se a deixá-lo ver o mundo lá fora; negando-lhe visão, para que pudesse ouvir.

*Uma chave na fechadura.*

Virou-se, músculos retesados, preparado para um inimigo. Para dois. Para a luta. Estava preso numa guerra há meses, anos, uma vida, com os homens que governavam Covent Garden, onde os duques não eram bem-vindos. Pelo menos, os duques que ameaçavam as suas vidas.

Não importava que ele fosse irmão deles.

Também não lhe importava, porque eles tinham traído a sua confiança ao não serem capazes de manter em segurança a única mulher que amara.

E, por isso, combatê-los-ia até ao fim dos tempos.

A porta abriu-se e ele cerrou os punhos, aguilhoado pela dor na coxa quando se apoiou com firmeza nos pés, preparado para o golpe que receberia. Preparado para o retribuir. Forte o suficiente para isso.

Imobilizou-se. O corredor do outro lado da porta estava pouco mais iluminado do que o quarto onde se encontrava — apenas o suficiente para lhe revelar uma figura. Não lá fora. *Dentro*. Não a entrar. *A sair*.

Estava alguém dentro do quarto quando ele acordara. Nas sombras. Ele estava certo, mas não eram os irmãos.

O coração começou a matraquear no seu peito, a um ritmo louco e violento. Abanou a cabeça, desejando desanuviá-la.

Uma mulher na sombra. Alta. Esguia e forte, com calças justas, coladas a umas pernas incrivelmente longas. Botas de pele que terminavam por cima do joelho. E um casaco que podia facilmente ser de homem se não fosse o forro dourado, a brilhar no escuro.

*Fio de ouro.*

O toque não fora de um fantasma. A voz não fora imaginada.

Deu um passo na direção dela, quase estendendo as mãos, ávido dela. O nome dela foi arrancado das suas entranhas, saindo com o som de rodas sobre pedras partidas.

— Grace.

Uma inalação muito leve. Quase inaudível. Quase inexistente. Mas suficiente.

E ele soube.

*Ela estava viva.*

A porta fechou-se e ela partiu.

O bramido dele fez abanar as vigas da casa.

## *Um passado irreparável.*

Grace Condry passou toda a sua vida a fugir do passado. Em criança, foi traída por Ewan, o seu único amor, e forçada a crescer nas ruas, mas agora tornou-se a rainha do submundo de Londres. Grace é perspicaz, destemida e nunca encontrou um inimigo que não conseguisse vencer... até ao regresso do homem que ela um dia amou.

## *Um futuro impossível.*

Perseverante e implacável, Ewan, agora Duque de Marwick, passou uma década à procura da mulher que perdera, mas que nunca deixou de amar. Acabou finalmente por encontrá-la e tudo fará para a reconquistar e torná-la sua duquesa. Contudo, reconciliar-se com Ewan é a última coisa que Grace deseja.

## *Um presente demasiado tentador.*

Incapaz de perdoar o passado, Grace jura vingança. Mas a vingança implica manter Ewan por perto, e em pouco tempo ele revela ser totalmente diferente do que Grace imaginou — algo a que não pode resistir, mesmo que isso ameace o mundo que ela construiu, a vida que reivindicou... e o coração que ela jurou que ele nunca mais roubaria.

DEIXE-SE APAIXONAR:



**TOPSELLER**

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-564-629-6



9 789895 646296

Ficção Romântica